

## **IAOD do Deputado Si Ka Lon em 25.06.2026**

### **Melhoria das políticas de apoio em prol do desenvolvimento, no exterior, do sector da medicina tradicional chinesa de Macau**

Desde a criação do Instituto para a Supervisão e Administração Farmacêutica de Macau e a entrada em vigor da Lei da actividade farmacêutica no âmbito da medicina tradicional chinesa, no início de 2022, já se completaram cinco anos. Neste período, o sector da medicina tradicional chinesa em Macau registou um desenvolvimento estável, consolidando bases sólidas no impulso à transformação e modernização do sector, no aperfeiçoamento do regime de registo de produtos e na expansão dos mercados externos.

Mas, para um desenvolvimento duradouro da indústria, o essencial é o controlo da qualidade e a abertura dos mercados. Se a indústria de MTC de Macau não conseguir evoluir ao nível de qualidade, capacidade de produção e mercado, ficará limitada à produção por conta de terceiros, dificilmente conseguindo expandir-se e fortalecer-se.

Actualmente, o sector continua a enfrentar diversos estrangulamentos que urge ultrapassar no processo de “entrar” no mercado do Interior da China e “sair” para o exterior: primeiro, o mercado local é de pequena dimensão e, embora alguns produtos consigam entrar nesse mercado, verifica-se, frequentemente, a situação de “conseguir entrar, mas ter dificuldade em alavancar as vendas”. Tal deve-se, principalmente, às discrepâncias entre os ambientes comerciais e as normas regulamentares de ambas as partes, exigindo aos produtos de Macau um investimento considerável de tempo e custos para se adaptarem às exigências daquele mercado em termos de mecanismos de fixação de preços, especificações de embalagem e linguagem dos rótulos.

Em segundo lugar, com o objectivo de reduzir os custos de produção e de ficar próximo da situação do mercado do Interior da China, muitas empresas manifestaram interesse em transferir as suas linhas de produção para a Zona de Cooperação. Mas ainda há obstáculos na circulação de pessoas e mercadorias entre Macau e Hengqin. No caso da marca “Fabricado em Macau”, por exemplo, devido aos procedimentos complicados de transporte transfronteiriço de materiais e aos processos longos de aprovação de regulamentos, até ao momento, ainda estamos a aguardar o aumento dos casos bem-sucedidos.

Mais, são elevadas as barreiras relativas aos dados clínicos nos mercados do exterior. A exportação de medicamentos é sempre condicionada por diferenças entre os mercados-alvo em termos de etnia, constituição física e condições climáticas, a que acresce o facto de serem diferentes os requisitos de registo e a legislação entre os países, daí ser difícil o reconhecimento mútuo dos dados dos ensaios clínicos. Para conquistar mercados do exterior, as empresas têm de investir enormes recursos para recolher dados clínicos que cumpram as normas do respectivo local.

Assim, sugiro o seguinte:

1. Concentrar os recursos para avanços estratégicos e continuar a superar os obstáculos no acesso ao catálogo nacional de seguros médicos da China. É difícil para as empresas, isoladamente, entrar de forma abrangente no mercado do Interior da China. Actualmente, alguns medicamentos de uso externo de Macau e Hong Kong já conseguiram entrar nesse mercado, mas, se os “medicamentos tradicionais chineses inovadores” desenvolvidos em Macau conseguirem integrar o catálogo nacional de seguros médicos, isso representará um salto qualitativo. Assim, sugiro que o Governo concentre recursos para promover activamente a inclusão de um ou dois medicamentos da medicina tradicional chinesa de alta qualidade de Macau neste catálogo. Tal medida vai ajudar as empresas a entrarem rapidamente nos hospitais do Interior da China e também gerar um forte efeito exemplar, tornando-se num importante motor para impulsionar o desenvolvimento a longo prazo da indústria da *Big-health* de Macau.

2. Optimizar o âmbito de financiamento do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia, prestando apoio preciso a ensaios clínicos no estrangeiro e à recolha de dados. Face à dificuldade da venda de medicamentos no exterior devido aos requisitos específicos de dados exigidos pelos mercados-alvo, sugiro que as autoridades incluam no apoio financeiro específico “ensaios clínicos conformes com os padrões dos mercados-alvo”. Mais, há que incentivar as instituições científicas locais a colaborar com empresas para realizar estudos clínicos localizados dedicados aos mercados específicos, como os dos países de língua portuguesa como o Brasil, ou da América Latina, e apoiar as empresas a ultrapassar mais rapidamente as barreiras técnicas relacionadas com o registo no exterior, para reforçar a competitividade e o reconhecimento internacional das marcas de MTC de Macau.